


A VITIMIDADE COMO ESPAÇO DE AMBIVALÊNCIAS: MIGRANTES NEGROS NA IMPREENSA BRASILEIRA

Gilberto Alves Araújo*

 <https://orcid.org/0000-0002-8177-0730>

Eliene Rodrigues Sousa**

 <https://orcid.org/0000-0001-8701-2677>

Como citar este artigo: ARAÚJO, G. A.; SOUSA, E. R. A vitimidade como espaço de ambivalências: migrantes negros na imprensa brasileira. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 26, n. 3, p. 1-18, set./dez. 2024. DOI: <https://doi.org/10.5935/1980-6914/eLETLL16625>.

Submissão: 11 de novembro de 2023. **Aceite:** 11 de março de 2024.

Resumo: Investigam-se formas pelas quais migrantes negros são representados em jornais brasileiros, entre 2008 e 2019, em relação a raça, nacionalidade e graus de vitimidade (Chouliaraki, 2021). Empregam-se a análise crítica do discurso e a linguística de *corpus*. Os resultados apontam que as representações sobre afro-migrantes são formuladas por meio de diferentes tropos. Alguns constroem migrantes negros como sujeitos explicitamente oprimidos e passivizados. Outros enfatizam um pouco mais a agência e a resistência desses migrantes. Ademais, a mídia brasileira recorre a um senso cultural de caridade, reinterpretando-a por intermédio de um tipo particular de pós-humanitarismo, segundo o qual piedade e justiça seriam equipotentes.

Palavras-chave: Imigrantes negros. Representação. Mídia. Linguística de *corpus*. Análise crítica do discurso.

* Universidade Federal do Pará (UFPA), Altamira, PA, Brasil e University of the Witwatersrand, Johannesburg, South Africa. E-mail: gilbertoa.araujo@yahoo.com.br

** Universidade Estadual do Tocantins (Unitins), Araguatins, e Secretaria de Educação do Estado de Tocantins (Seduc-TO), Araguaína, TO, Brasil. E-mail: liaelienerodrigues@gmail.com

INTRODUÇÃO

A vitimidade, como conceito geral, parece ter tomado forma a partir de alguns dos componentes semânticos da vitimologia, um ramo da criminologia cujos desenvolvimentos foram aprimorados nas décadas de 1960 e 1970 na Europa e nos Estados Unidos, e continua a ser promovido por pesquisadores de vários campos até os dias atuais (Godfrey, 2017). Se, contudo, esse empréstimo entre vitimologia e vitimidade já ocorreu em algum momento histórico, isso não parece ser um fato verificável, apesar de alguns estudos apontarem a posição das vítimas por migrantes como algo ligado à criminologia (Collins, 2007).

Diferentemente de suas acepções no campo criminológico, no entanto, dentro do tema da migração e da mídia, a noção de vitimidade tem sido extensivamente ressignificada e empregada em inúmeras iniciativas de pesquisa. Seus significados permanecem relativamente plásticos ou adaptáveis às realidades que os dados fornecem aos estudiosos, embora ainda apontem para um núcleo comum. Apesar dessa dificuldade de conceituação, alguns pesquisadores conseguiram sintetizá-la, a exemplo de Chouliaraki (2021, p. 12), que define a vitimidade como um mecanismo de interação afetiva, que deriva da vulnerabilidade, e “oferece [...] aos debates públicos um território de luta envolvendo reivindicações concorrentes quanto ao sofrimento e às suas comunidades de reconhecimento”. Para ela, a condição de vitimidade outorga ao postulante bem-sucedido a virtude concernente aos indefensos, oportunizando-lhes a concessão da empatia e/ou da indignação. Nesse sentido particular, a vitimidade se aproximaria da ideia de vitimismo (Solenzol, 2021), uma noção muito mais afinada aos discursos de ódio da extrema direita brasileira (Cavalcante, 2020), mas radicalmente diferente do que discutiremos neste artigo.

A leitura psicanalítica da vitimidade por Chouliaraki como um espaço de dualidade (reivindicação *versus* reivindicante, sofrimento *versus* reconhecimento, empatia *versus* indignação) parece encontrar alguma ressonância em muitos dos estudos anteriores sobre o tema. A maioria das investigações parece apontar a vitimidade como uma construção discursiva na qual os migrantes emergem como seres outros vulneráveis. Nesse sentido, estudos indicam os migrantes como pessoas extremamente suscetíveis, oscilando entre sobrevivência e perecimento (Sunata; Yildiz, 2018), indefensibilidade e ameaça (Amores; Calderón; Stanek, 2019), acolhimento e intrusão (Van Gorp, 2005), sofrimento e carência (Amores; Arcila, 2019), estereótipos e despolitização (Pandir, 2019), vítimas boas/reais e parasitas/trapaceiros (Smets *et al.*, 2019).

Em certa medida, os trabalhos mencionados parecem superar a política da emoção, que é central para a definição de vitimidade de Chouliaraki, aproximando-a de um senso mais geral de vulnerabilidade e passividade. Entretanto, esses dois caminhos semânticos ainda parecem conectados a uma busca por dualidades e contrastes com o fim de definir o que pode ser a vitimidade. Tais abordagens são sensivelmente diferentes do que a presente incursão na mídia jornalística brasileira sugere.

Neste estudo, além do que outros pesquisadores já conseguiram demonstrar, a vitimidade é moldada pelas especificidades do Brasil, incluindo as contradições marcantes que permeiam as paisagens socioeconômicas e culturais do país (Afonso, 2007). Assim, a vitimidade também se torna um espaço para

contradições, em que os aspectos ambíguos e contrastantes da realidade não são necessários ou mutuamente exclusivos. Pode ser exatamente o oposto; vitimidade parece admitir e às vezes acolher ambivalências. É precisamente por isso que é possível notar tropos como “vítimas privilegiadas”, “vítimas sonhadoras”, “vítimas lutadoras” ou “vítimas insatisfeitas” porque a posição da vítima não anula a possibilidade de uma camada aparentemente contrária de sentidos, incorporada a uma ideia já sedimentada de vitimidade.

Assim, este trabalho sugere que a vitimidade é um macrotropo discursivo poroso, que constrói migrantes para além do lugar de pessoas violadas, forçadas ou perseguidas – ou seja, como sujeitos de sofrimento e dor. Com efeito, elas são transformadas em indivíduos muito mais vulneráveis do que uma condição humana compartilhada lhes permitiria ser (Chouliaraki, 2021). Precisamente por causa disso, elas tendem a ser vistas continuamente como alvos de mais violação/coerção/perseguição (sobre-humana), permanecendo como sujeitos indefesos, desamparados, dignos de simpatia, dignos de caridade diante do paternalismo, condescendência, dessensibilização, apatia ou hostilidade. A vitimidade passa por um processo de passivização, conforme sugerem as análises empreendidas neste texto. Um processo que nem sempre cancela a agência, como discutido nas subseções a seguir.

Nesse sentido, conforme sugerido anteriormente, o objetivo deste artigo é identificar como, por meio de jornais brasileiros nacionais e regionais, os afro-migrantes são referidos ou representados em termos de raça, vitimidade e nacionalidade, e quanto podem se expressar por meio de sua própria voz ou quanto podem expor suas preocupações e opiniões/sentimentos, quando comparados a outros participantes mencionados em cada texto de jornal analisado. Para tal fim, este artigo inicia apresentando seus fundamentos teórico-metodológicos para depois analisar e discutir o *corpus* em questão, a partir de instâncias textuais específicas. Por conseguinte, as discussões são retomadas e sintetizadas na última seção deste trabalho.

ARCABOUÇO TEÓRICO-METODOLÓGICO

As análises desenvolvidas neste estudo se orientam pelos princípios da análise crítica do discurso – ACD (Blommaert, 2005). Assim, referências mais claras e confiáveis para a crítica são adotadas neste trabalho para promover essa adaptação teórica à realidade afro-brasileira. Tais referências derivam principalmente das filosofias afro e latino-americanas (Freire, 2011), como se pode notar em escritos de mulheristas, feministas, pan-africanistas e teólogos da libertação (Boff, 1981). Outros elementos teórico-metodológicos são obtidos da linguística de *corpus* (LC), juntamente com suas ferramentas estatísticas descritivas para textos verbais (Baker, 2006).

Conforme explorado a seguir, a representação é o elemento que conecta a produção de sentido da língua à sociedade-cultura. Agir é usar a língua para representar, ou seja, para “nomear”, “referenciar”, colocar pessoas, objetos e ideias (entre outras coisas) “no mundo social e destacar certos aspectos” desses elementos (Machin; Mayr, 2012). Esses sentidos construídos podem ilustrar relações assimétricas/simétricas (poder); eles podem ser associados ou articulados em face de uma perspectiva social particular de interesse (ideologia), em

face de formas de construir o mundo a partir de um ponto de vista social (discursos) e um projeto de liderança ou dominação (hegemonia).

Nesse sentido, a criação de uma representação textual envolve os papéis constitutivos de muitas possibilidades (Machin; Mayr, 2012). Assim, a língua funciona como um sistema representacional ou de significação (Hart; Winter, 2022). É ela que materializa parte dos significados culturais compartilhados e constitui simbolicamente o território onde a diferença é marcada.

Quando regularizadas em práticas sociais e discursivas, certas representações são capazes de se unir em conjuntos relativamente estáveis, que podem compreender ou ser *realizadas como identidades*, ou seja, como tentativas de rearticular a relação entre atores/agentes sociais e práticas discursivas (cf. Milani, 2015). Assim, sob a dinâmica migratória, os marcadores identitários de raça, nacionalidade e classe se encontram. Nesse contexto, emerge uma xenofobia definida por Sivanandan (2006) como xenorracismo, termo que designa uma discriminação que não se rege necessariamente pelo código de cor da pele dos migrantes, mas por meio de estratégias aporofóbicas os “denigre”, reifica e segrega, para além de sua origem racial e sempre em referência à sua origem geográfica ou nacionalidade.

No decorrer do presente estudo, emergem elementos que se relacionam direta ou indiretamente a esse xenorracismo, isto é, a essa discriminação fundamentada “interseccionalmente” em classe, nacionalidade e raça. No entanto, em virtude de o foco deste artigo ser exclusivamente a vitimidade, não nos debruçaremos sobre essa noção mais detidamente. Portanto, mencionamos o referido conceito nesta seção e em outras subsequentes apenas para que o leitor a ele recorra caso julgue necessário, a fim de ampliar sua compreensão sobre a temática aqui explorada.

CONSTITUIÇÃO DO CORPUS DE PESQUISA

Para este estudo, foram selecionados cinco jornais brasileiros de destaque. Dois deles possuem circulação nacional, portanto, um público maior em perspectiva, enquanto três são meios de comunicação regionais. Esse arranjo logístico em particular constrói um panorama abrangente sobre as organizações de mídia e a produção nacionais, evitando negligenciar construções de realidade que a imprensa regional/estadual representa.

Os critérios empregados na seleção dos jornais nacionais incluem número de leitores, tempo de atividade e propriedade nacional. As publicações regionais seguem padrões semelhantes, no entanto sua circulação deve ser limitada, não atingindo regularmente mais de 50% dos estados brasileiros. Além disso, este estudo prioriza jornais locais de estados que recebem maior número de migrantes negros e são mais relevantes economicamente para os processos migratórios (Claassen, 2017), especificamente nessa ordem de preferência. Aplicando tais critérios e considerando a disponibilidade de dados, este estudo encontrou os seguintes jornais como sendo as fontes ideais: *O Estado de S. Paulo* (EST), *Folha de S. Paulo* (FSP), *O Tempo* (OTP), *Tribuna do Paraná* (TPR) e *Zero Hora* (ZEH). Enquanto o EST e a FSP encontram-se entre os jornais nacionais, os demais podem ser considerados regionais sob os critérios supramencionados.

A geração de dados desses meios de comunicação é realizada em referência a um período de 12 anos (2008-2019). A seleção desse período específico é motivada

por três fatores. Em primeiro lugar, 2008 marca a crise econômica que ensejou o aumento do número de migrantes africanos/negros que vieram ao Brasil. Em segundo lugar, em 2015 intensificaram-se os debates humanitários sobre “crise migratória”¹, com a entrada contínua de migrantes negros do Haiti e de alguns países da África. A outra razão é que em 2018/2019 a xenofobia, o neofascismo e a intolerância foram trazidos ao centro das atenções por certos partidos políticos brasileiros para as eleições nacionais e locais como nunca antes, chegando à Presidência da República (Milesi; Coury; Rovey, 2018).

Uma série de palavras-chave foi empregada a fim de que contemplássemos, em cada jornal e no período delimitado, apenas textos mais precisamente relacionados ao tema da migração negra. Ou seja, utilizamos termos tais como “imigrantes”, “migrantes”, “xenofobia/xenófobo/xenofóbico”, “refugiados”, “africanos”, “haitianos”, entre outros. O processo de refinamento de dentro da plataforma *on-line* de cada jornal, por meio do qual se selecionaram apenas notícias envolvendo episódios de vitimidade, rendeu o número de 521 textos², que foram examinados a partir do AntConc 3.5.8 em referência a índices de frequência/distribuição, e em associação com outras unidades da LC, como concordância e sintagma nominal. Os resultados são apresentados e debatidos a seguir.

PALAVRAS-CHAVE E TURNOS DE FALA: NOMEAÇÕES E VOZES DE MIGRANTES NEGROS

A análise dos termos-chave sugere que os migrantes são principalmente coletivizados pelo nome de sua nacionalidade, como se pode ver em termos como “africanos”, “haitianos”, “venezuelanos”, “cubanos” ou “grupos”. A identificação taxonômica parece mais recorrente para as nacionalidades africanas do que as latino-americanas. A quantificação também auxilia no processo de coletivização, como observado no uso repetitivo de “número maior”, “milhares”, “muitos” e “fluxo”. Além disso, numerosas notícias insistem muito mais em associar migrantes à “ilegalidade” e à “clandestinidade”.

Surpreendentemente, vocábulos-chave suscitam que há espaço para o tratamento dos migrantes negros como membros de “famílias”. Embora, nesse caso, a coletivização e a generalização ainda sejam fortes componentes da abordagem discursiva das publicações, atribuir papéis sociais aos migrantes de forma mais intensa acaba promovendo uma aproximação entre o público e migrantes negros. O emprego da figura discursiva da instituição familiar em textos sobre migrantes, embora seja infrequente, parece constituir um apelo emocional ou se dirigir aos muitos leitores conservadores de dada publicação. Assim, os migrantes negros às vezes são referidos como pessoas que são/têm “filhos/filhas”, “pais” e “parentes”.

Outra característica marcante de alguns jornais (regionais), revelada mediante termos-chave, refere-se à sua ênfase sobre “senegaleses” e “ganeses”. Se, por um lado, isso pode ser explicado pelo fato de que muitos migrantes africanos de tais nações preferem ir para cidades médias ou relativamente menores no Sul e Sudeste do país, por outro, o fato pode também demonstrar algum esforço dos

1 Embora a expressão seja recorrente em veículos de imprensa no Norte e no Sul Global, ela reforça estigmas sobre a mobilidade humana como um direito humano elementar (cf. Moreira; Borba, 2021).

2 Dados originais disponíveis em: <https://mega.nz/folder/vYl3BzI>. Acesso em: 30 jul. 2023.

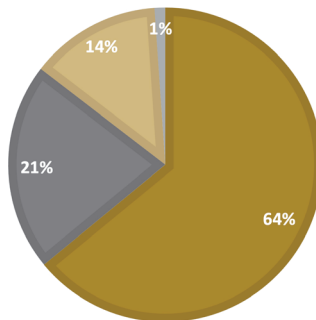
jornais para construir um quadro mais geral de migração em sua região de influência, explorando muito mais as diferenças culturais, como as relativas à “língua/português”. De fato, o investimento das publicações regionais na exploração dessa dimensão é bem diferente do que se nota em outros jornais. Estudos anteriores (Keller, 2012) apontam que, por vezes, os meios de comunicação locais têm investido fortemente na construção e no reforço de características culturais dos migrantes em referência ou em contraste com a região em que atuam.

Em geral, algumas nacionalidades são tratadas de forma bastante diferente das outras pela maioria dos jornais. Os cubanos, por exemplo, que em circunstâncias normais tendem a ser definidos como requerentes de asilo ou refugiados, estão propensos a não ser designados como tal, mas são frequentemente chamados de “imigrantes”. Apesar das tensões políticas com a ilha caribenha, acirrada com o surgimento da mais recente onda conservadora e reacionária no Brasil (Oliveira, 2019), jornais regionais do Sul do país, como o ZEH, parecem ter apreciado os cubanos o suficiente para mantê-los em relativa alta estima, evitando nomeá-los refugiados ou solicitantes de asilo. Na opinião de alguns observadores, tais termos poderiam ser detratores para os cubanos, especialmente diante de uma relação positiva que Brasil e Cuba mantinham durante programas de intercâmbio de práticas médicas, como o *Mais Médicos* (2013-2018).

Ao analisarmos as concordâncias dos verbos de discurso reportado nos 521 textos desse *corpus*, os resultados não parecem tão reconfortantes em termos da presença de vozes de migrantes negros. Os números estão sintetizados no Gráfico 1 e sugerem que esses migrantes têm até cinco vezes menos chances de falar por si mesmos do que os nacionais, as celebridades ou as autoridades. Embora o quadro geral dos textos jornalísticos nesta amostra possa fazer alusão aos migrantes negros como vítimas, estes não têm oportunidades de se expressar em suas próprias palavras tanto quanto outros atores.

DIREITO À VOZ POR MIGRANTES NEGROS – VITIMIDADE (EST/FSP/OTP/TPR/ZEH)

■ Celebridades/autoridades (n = 1.397) ■ Migrantes negros (n = 467)
■ Nacionais (n = 294) ■ Outros migrantes (n = 24)



Fonte: Elaborado pelos autores.

Gráfico 1 – Turnos de fala por meio de marcadores de discurso reportado – vitimidade

Ao silenciarem os migrantes, os jornais parecem preencher o espaço de suas páginas com declarações de representantes eleitos, observações de especialistas e declarações de almas caridosas, como a dos padres – a hegemonia parece ser construída dessa forma. Curiosamente, para alguns operadores discursivos particulares e concordâncias, como aqueles que são mais formais e podem transmitir um senso de intelectualidade (“observar”, “explicar”, “declarar”), a voz dos migrantes é ainda mais silenciada. Por meio dessa entextualização, os migrantes têm entre cinco (“explicar”), oito (“observar”) e 40 vezes (“de acordo com”) menos chances de falar do que outros atores – a depender do tópico. Se os verbos de discurso reportado considerados são “contar” e “relembrar/lembrar”, então os resultados mudam repentinamente. Os migrantes têm até 18 vezes mais chances de ser citados por meio de tais verbos do que outros atores – o que os associa ao ato de testemunhar e dissocia-os do raciocínio formal.

Parece que a narração, a capacidade de construir uma história, pertence “naturalmente” aos migrantes negros – sendo eles funcionalizados nessa posição de testemunhas. Considerando que a narrativa de uma história pode não exigir tanta reflexão ou intelectualidade, mas experiência “pura”, muitas notícias parecem presumir que os migrantes negros são os usuários “autênticos” desse dispositivo. Na maioria dos casos de discurso reportado, portanto, migrantes negros tornam-se objetos de discussão, muitas vezes retratados como incapazes de autodeterminação verbal formal/elaborada, o que se evidencia e se reproduz na ausência de suas vozes registradas nos artigos de jornal. Nesses textos, eles são transformados em temas de debate, mas raramente os debatedores.

VÍTIMAS DA POLÍTICA E/OU DE AÇÕES HUMANAS DIRETAS

Em alguns textos de notícias, migrantes são entextualizados como alvos do discurso de ódio de políticos de direita, como em “Não é qualquer um que entra em nossa casa”, diz Bolsonaro sobre migrantes” (1º.9.2019, EST). Nesses casos, representantes de governo ou candidatos recorrem a *frames* preconceituosos de um “nós” *versus* “eles” para garantir a adesão às causas que apresentam. Ao criarem uma clara separação entre a identidade, o comportamento, a origem, as práticas culturais e a aparência dos migrantes, esses agentes pretendem galvanizar o público para adotar uma percepção mais desfavorável e uma atitude hostil em relação a migrantes negros.

Diferentemente das estratégias discursivas usadas por alguns políticos para enquadrar a migração na Europa ou América do Norte (Oliveira, 2019), neste caso, esses atores colocam migrantes negros no papel de suspeitos ou como sujeitos desconhecidos. Ao brincarem com metáforas ligadas ao mistério das intenções dos migrantes, bem como recorrendo a casos anedóticos de crime, fraude ou violência atribuídos aos migrantes, líderes políticos acabam induzindo o medo em seus interlocutores, usando os meios de comunicação como arautos de sua mensagem. A ideia geral é que os migrantes são um incógnito com que o país não pode e não deve ser capaz de lidar, uma vez que a segurança dos cidadãos nacionais seria sua maior prioridade. Nesse ponto, o populismo ganha muito mais terreno (Zhang, 2020). Assim, mais do que perigos ou ameaças, incapazes de serem assimilados à cultura brasileira, os migrantes são descritos como despesas incógnitas com as quais Estado e sociedade não podem arcar.

Curiosamente, ao relatarem tais discursos preconceituosos de políticos, os meios de comunicação mantêm uma posição aparentemente neutra ou imparcial, especialmente quando migrantes negros são considerados fardos para o Estado/sociedade. Em última instância, comprometidos com a defesa de uma economia neoliberal, com a responsabilidade fiscal e um estado mínimo (cf. Lee; Rover, 1993; Mignolo, 2003; Zea, 2005), os jornais geralmente se veem impedidos de tomar uma posição defensiva em favor dos migrantes. Essa relutância surge diante de discursos que poderiam muito bem ter sido financiados pelas mesmas empresas exploradoras da mão de obra (migrante) que tanto anunciam em meios de comunicação quanto doam para campanhas de políticos antimigração (Andrade, 2021).

Em alguns outros casos, os migrantes negros são vistos como objetos em um jogo político no qual disputas de poder, autopromoção, burocracia, incompetência, negligência/imperícia/imprudência e insensibilidade os deixam à mercê, sujeitos à confusão, fome, humilhação, desesperança e até mesmo morte, como se pode notar em “Temer contraria interventor e diz que entrada de venezuelanos no Brasil não será proibida” (12.10.2018, EST) e “Haddad reclama da falta de aviso sobre envio de mil haitianos a São Paulo” (19.5.2015, OTP).

Além disso, os meios de comunicação sugerem que os migrantes também pagam um preço alto por estarem nas mãos de políticos pouco reflexivos ou irresponsáveis. Esses agentes, assumindo condutas negligentes ou práticas de abandono em relação aos “membros mais frágeis da sociedade”, acabariam causando danos irreversíveis a eles, suplantando seus direitos básicos e às vezes custando suas vidas, como sugerido em “Venezuelano morre após passar mal em abrigo da Prefeitura de SP” (6.6.2018, EST) e “Haitianos e africanos enfrentam falta de comida e higiene em SP” (24.8.2014, EST).

Como se não bastasse, os jornais também sugerem que, enquanto os migrantes sofrem intensamente após uma jornada afrita para chegarem às fronteiras brasileiras, os agentes principalmente do Poder Executivo persistem em lutar entre si e usar as pequenas ações que fazem em favor dos migrantes para exagerar plataformas políticas. Dessa forma, constroem sua autoimagem como líderes políticos caridosos, conforme notado em “Na ONU, Temer infla número de refugiados recebidos pelo Brasil” (19.9.2016, EST).

As críticas contra os membros do Poder Judiciário, no entanto, são extremamente raras, e os textos de notícias geralmente apreciam o trabalho dessa esfera estatal. Frequentemente, as publicações jornalísticas personificam nesses membros do Judiciário uma impressão de personagens extremamente poderosos e quase inimputáveis, talvez semi-heróis da causa migratória negra, como aludido em “Rosa Weber vai analisar novo pedido para fechar fronteira Brasil-Venezuela” (20.8.2018, EST) e confirmado por pesquisas anteriores (Verbicaro; Verbicaro; Machado, 2018) sobre o contexto brasileiro. Portanto, o Executivo é o poder mais responsabilizado (Scaldaferro; Sá; Cruz, 2017) pelos sofrimentos dos migrantes, o Legislativo vem em segundo lugar, e o Judiciário raramente é citado.

Em alguns casos, os jornais trazem especialistas para garantir que o Poder Executivo seja o principal encarregado pelos cuidados destinados aos migrantes. Verificando ou certificando sua posição por meio dos testemunhos dos cientistas/analistas/pesquisadores e sua figura de autoridade, por vezes escondidos atrás dessas opiniões, alguns jornais continuam a tornar os agentes e instituições governamentais “responsáveis” diante da opinião pública – como visto em

“Especialistas defendem criação de agência de imigração no Brasil” (19.5.2012, EST) e “Brasil reage de forma inadequada, caso restrinja a entrada de venezuelanos no país, afirma especialista” (2.2.2018, EST). Talvez se afastando de uma função mais social do jornalismo e atraindo muito mais do paternalismo brasileiro, que historicamente reúne mídia e política (Coan, 2018), alguns jornais parecem colocar sob responsabilidade do Estado e de políticos a tarefa de “ajudar” os migrantes ou até mesmo “salvá-los”.

Outras notícias desse *corpus* também enfatizam os efeitos de diferentes tipos de ação humana na vida dos migrantes, de alguma forma retratando-os mais uma vez como alvos de discurso de ódio e sujeitos a várias formas de privação. Em uma delas, o “Grupo contra Lei de Migração faz nova marcha na avenida Paulista” (16.5.2017, OTP), um grupo extremista de direita diz estar protestando contra a legislação destinada a proteger migrantes. Na reportagem, o jornal não se posiciona contra a violência simbólica que está sendo realizada. Nesse sentido, publicações jornalísticas desse *corpus* sequer recorrem a uma visão legalista sobre o assunto, o que poderia proteger dado noticiário contra acusações de leitura enviesada. Em vez disso, recorrem ao jogo da “imparcialidade”/“neutralidade”, tão comum no cenário político-midiático brasileiro. Não surpreende, portanto, o fato de que publicações brasileiras frequentemente se inclinam para a centro-direita/direita, ou seja, o lado do *establishment* ou *status quo* (Scalzilli, 2017).

Mas nem tudo é sobre política. Às vezes, os migrantes também são representados na imprensa como vítimas da “ação humana” direta, ou seja, sem a sistemática intermediação dos expedientes políticos habituais e do aparato de rituais públicos e procedimentos institucionais. Na escola, por exemplo, as crianças migrantes também são representadas como alvos de preconceito. Em “Alunos imigrantes são tidos como caso de saúde mental” (19.3.2017, OTP), um jornal regional descreve como as políticas municipais e seus operadores começaram a considerar grosseiramente os migrantes negros como “deficientes mentais” pelo simples fato de não saberem se expressar em português. Devido a uma sucessão de erros, negligência, imperícia e atrasos por parte dos funcionários da administração pública, um grupo de estudantes negros acabou sendo formalmente classificado por profissionais de saúde e professores como “casos mentais”. Uma nova revisão desses casos, produzida por pais e brasileiros amigos de famílias migrantes, levou à conclusão de que os alunos migrantes não eram “intelectualmente deficitários”. Eles tinham apenas dificuldades comuns que qualquer outra pessoa teria com uma língua desconhecida. Notícias semelhantes sugerem, embora não mencionem explicitamente, a ideia de que sentimentos ou atitudes antimigrantes negros geralmente podem causar muitos danos não apenas à experiência social dos migrantes, mas também às suas chances de ter acesso a um tratamento justo, à educação de qualidade e, portanto, a possibilidades de um futuro melhor.

VÍTIMAS DE TRAGÉDIA OU DO DESTINO

Outro tipo comum de vitimidade no *corpus* é a ideia de que o que acontece com migrantes negros é consequência da tragédia humana ou do acaso. Em tais artigos de notícias, as origens, os múltiplos fatores e os sistemas político-econômicos de exploração envolvidos na migração forçada não são realmente

investigados ou sequer mencionados. Nessas circunstâncias, os migrantes negros são então retratados como vítimas inocentes de um desastre, talvez um resultado indesejável no jogo neoliberal da vida (cf. Lee; Rover, 1993; Mignolo, 2003; Zea, 2005). Outras vezes, os migrantes são tomados como vítimas de um acidente imprevisto no qual não há nações, entidades ou pessoas a serem responsabilizadas, como notado em “Essa é a maior tragédia humanitária da nossa história”, diz Jungmann” (27.8.2018, EST).

Em outro caso, como em “Desempregada na Espanha, boliviana quer ir a São Paulo, mas teme racismo” (22.6.2011, EST), embora a principal razão pela qual os migrantes sejam forçados a continuar se mudando de uma nação para outra seja a natureza evidente e insustentável do sistema capitalista, os jornais tendem a ignorá-lo. Em sua perspectiva, é quase como se o destino fosse aleatoriamente desfavorável aos migrantes negros. Em muitos casos, nenhum racismo e nenhuma xenofobia são mencionados, nenhum xenorracismo (Sivanandan, 2006), nenhuma desigualdade de renda ou quaisquer outros fatores estruturais envolvidos na exploração humana são abordados (cf. Lee; Rover, 1993; Hooks, 1995; Zea, 2005). Nesses exemplos, quase todas as causas e todos os agentes por trás do sofrimento dos migrantes são ignorados, negligenciados. Nesse ponto, é preciso esclarecer que os jornais desse *corpus* raramente rotulam elementos de opressão ou práticas abusivas como explicitamente xenófobos. Negacionismo (in)consciente em relação ao racismo, xenofobia, xenorracismo (Sivanandan, 2006) e a outras formas de discriminação parece ser uma prática repetitiva por parte da mídia brasileira.

Com efeito, em casos relacionados a esse tropo de “tragédia-destino”, os fatores cruciais que desempenham um papel na mobilidade humana forçada estão em algum lugar, eles podem ser algo, como um conjunto de sistemas ou alianças de pessoas poderosas, mas não seria necessário revelar quem ou o que eles são naquele momento. O foco da narração midiática, portanto, tende a resvalar sobre dramas e sofrimentos humanos, quase como se a dor e a angústia dos migrantes negros fossem mais do que um elemento de interesse público. Eles seriam um ingrediente de uma apresentação teatral verossimilhante, uma vez que a maioria dos meios de comunicação desse *corpus* não se apresenta como tabloide de “espetáculos”, no sentido mais explícito e pervasivo do termo.

Em “Mudança, estresse e compaixão” (26.8.2018, EST) e “Brasileira largou tudo e seguiu amor haitiano até o México” (12.8.2018, EST), por exemplo, os textos de notícias fazem exatamente isto: focam a paixão humana, as emoções intensas e as experiências dolorosas ou de superação. Ao fazê-lo, os jornais constroem os argumentos centrais do texto, distraindo os leitores do que realmente promove a marginalização dos migrantes negros e tirando a agência deles, transformando-os em “forçados”, “deslocados”.

Em geral, a partir dessas notícias relacionadas à tragédia e ao destino, o filtro de vitimidade sobre os migrantes negros tende a colocá-los em posições mais passivas, como sugere a maioria das concordâncias com termos-chave como “venezuelanos”, “imigrantes”, “refugiados”, “haitianos”, “estrangeiros”, “migrantes” e “africanos”. Eles tendem a ser recebidos, tratados, redirecionados, distribuídos, contados e orientados por entidades. Sua autodeterminação não está realmente em evidência nesse *corpus* (cf. Hudson-Weems, 1993; Karenga, 1998; Freire, 2011).

Por vezes, a posição política dos jornais também pode desempenhar um papel na definição de migrantes como vítimas de tragédia/destino ou não. O EST, por exemplo, faz uma distinção incomum entre venezuelanos e haitianos/outras migrantes negras como vítimas. Esta última nacionalidade está no rol de vítimas de tragédia, mas a primeira está na lista de vítimas do autoritarismo político. O EST prossegue chamando “venezuelanos” de “refugiados”, mas nem sempre haitianos.

Não é segredo que essa publicação jornalística tem uma linha editorial bastante hostil aos governos de (centro)esquerda no Brasil e no resto do continente. Nesse sentido, o presidente venezuelano Nicolás Maduro, ao lado de seu antecessor, tornou-se um dos líderes latino-americanos mais criticados pelo jornal nos últimos anos. Ao reforçar a imagem dos venezuelanos como refugiados muito mais do que outros migrantes, o EST apoia sua própria posição e agenda antiesquerda. Concomitantemente, intensifica o quadro de vitimidade socioeconômica/política sobre os venezuelanos mais do que sobre qualquer outro grupo de migrantes, destacando e certificando um senso de autojustiça sobre suas próprias opiniões. Somente em uma situação como essa, os migrantes deixam de ser vistos como vítimas de tragédias/destino para se tornarem vítimas de sistemas opressivos identificáveis ou agentes humanos nomeáveis³.

OS MIGRANTES SÃO VÍTIMAS EXATAMENTE “COMO AS NOSSAS” VÍTIMAS

Os migrantes negros, no entanto, não são as únicas vítimas que podem “precisar de nós” ou de ajuda. O próprio país já teria seus problemas, desafios e uma parcela marginalizada de pessoas (negras). Como observado em “Chegada de africanos e haitianos muda bairro na periferia de São Paulo” (18.9.2015, FSP) e “Haitianos são vítimas de enchentes no Acre” (27.2.2012, FSP), a vitimidade dos migrantes negros é construída de tal forma que os equivale aos grupos já vulneráveis que vivem no Brasil. À medida que chegam, os migrantes negros são descritos ou referidos como parte do cenário socioeconômico local de vulnerabilidade e marginalização. Embora as diferenças culturais ainda sejam sublinhadas, afinal, nem todos os pobres negros seriam iguais, a entextualização por alguns jornais acerca dos migrantes os coloca lado a lado com outras pessoas segregadas que vivem na periferia das grandes cidades, lidando com desastres recorrentes, como inundações, desemprego, falta de moradia e transporte.

Justamente por essa equivalência entre os negros que chegam e os que já vivem nos espaços sociais projetados para eles, os recursos socioeconômicos são frequentemente reportados por jornais como sendo insuficientes para todos. Embora a imprensa brasileira raramente relate disputas sobre tais recursos, uma vez que os migrantes negros acabam preenchendo vagas e espaços a que muitos nacionais não estariam dispostos, a questão da escassez ainda emerge. Em “Desemprego no Brasil faz imigrantes voltarem a seus países” (11.10.2015, FSP), o texto sugere que, quando os empregos com salários mais baixos deixam de existir, os primeiros a serem demitidos são os migrantes negros, já que teriam sido os últimos a entrar. Mais uma vez negligenciando o fato de que essas demissões podem estar ligadas ao preconceito puro e simples, os meios de comunicação insistem na tese de que o fracasso das decisões

3 Editoriais do EST de 2017, 2019, 2020 e 2021 disponíveis em: shorturl.at/rKLW0; shorturl.at/pwzFV; shorturl.at/ilzGZ; shorturl.at/fileZ; shorturl.at/kmpHP; shorturl.at/dntBH. Acesso em: 23 jul. 2023.

econômicas e o modelo do Estado brasileiro são os culpados por esse dano financeiro aos migrantes.

Embora os meios de comunicação, como a FSP, tendam a igualar os negros que vivem nas periferias das grandes cidades aos migrantes negros que chegam na esperança de uma vida melhor, eles ainda assumem a possibilidade de que estes últimos tenham muito mais desvantagens.

De qualquer forma, distanciando-se de reportagens sobre disputas envolvendo recursos, a imprensa brasileira tende a enfatizar a partilha desses recursos, especialmente pelo Estado. Em “Haitianos estão entre os desalojados em São Sebastião do Cai” (16.7.2015, ZEH), o texto explica como o governo local foi capaz de redirecionar recursos tanto para migrantes negros quanto para negros obrigados a deixar suas casas devido às fortes chuvas. Inevitavelmente, no entanto, a aura positiva das representações termina quando o passado conturbado dos migrantes, muitos dos quais tiveram que enfrentar desastres naturais devastadores como terremotos, é colocado em perspectiva. Nessa situação, as representações de vulnerabilidade, desamparo e sofrimento são mais intensificadas sobre eles do que sobre os negros que já vivem nas periferias.

Não obstante, a noção de cooperação une-se a essa ideia de migrantes-vítimas quando os movimentos sociais estão no centro dos debates. Em “Imigrantes latinos engrossam luta por moradia na cidade” (24.4.2013, FSP), o artigo sugere que migrantes negros e nacionais trabalham juntos para fazer suas vozes e demandas serem ouvidas. Nesse sentido, eles se apoiariam lutando contra adversários em comum: ausência de teto e de políticas habitacionais adequadas. Para os meios de comunicação, essas ausências não seriam claramente um problema de opressão neoliberal e mau funcionamento do capitalismo (cf. Lee; Rover, 1993; hooks, 1995; Mignolo, 2003; Zea, 2005), mas talvez um efeito de políticas estaduais de habitação e do mau uso dos recursos públicos em projetos de habitação social. Contudo, o texto também aponta que os migrantes negros estão chegando para se juntar a movimentos sociais de sem-teto que já exigem “de-mais”. Portanto, eles estariam se juntando a associações ilegais de pessoas marginalizadas que não teriam o direito de lutar por um lar da forma que o fazem, protestando, ocupando espaços públicos e usando todos os recursos e ferramentas à sua disposição para se fazerem ouvir.

VÍTIMAS QUE LUTAM POR SEUS DIREITOS

Jornais regionais como o OTP são talvez os que mais frequentemente representam os migrantes negros em casos de luta por seus direitos. O número está longe de ser alto, mas alguns textos sugerem a disposição e a capacidade dos migrantes em expressar suas preocupações por meio de marchas ou manifestações. Talvez como parte dos estilos empregados pelas emissoras de TV locais (Lopes, 2019), que investem muito em programas dedicados a reportagens sobre questões comunitárias, o OTP dá visibilidade a certos posicionamentos beligerantes por migrantes negros duas vezes mais do que outros jornais. Mesmo assim, o percentual de artigos dedicados a tais temas está presente em no máximo um sexto de todo esse *corpus* de vitimidade, o que é uma proporção bastante baixa.

De todo modo, em alguns desses exemplos, os migrantes são, de fato, colocados em posições em que seus discursos não são tomados como objeções comuns,

mas como preocupações genuínas que não só merecem ser publicadas, mas também tratadas com deferência. Em “Imigrantes pedem mais fiscalização e divulgação de lei contra trabalho escravo” (23.2.2013, OTP), após cobrir os protestos, a notícia apresenta respostas vindas de vários agentes estatais em diferentes níveis de governo, indicando o que pode ser feito para aprimorar a fiscalização e, portanto, garantir os direitos trabalhistas dos migrantes. Trata-se de um episódio raro para um jornal escrito/*on-line* desse *corpus*.

Diferentemente de outros jornais locais ou nacionais, nos quais as demandas de migrantes negros por uma vida e condições de trabalho melhores geralmente estão ligadas a outros tópicos de notícia na agenda do dia, para os meios de comunicação regionais, as manifestações dos migrantes podem ter um valor em si mesmas. Em “Imigrantes denunciam assassinatos e agressões em protestos contra racismo e xenofobia em São Paulo” (21.6.2012, OTP), por exemplo, vários participantes da marcha são ouvidos, e muitas de suas declarações estão incluídas no texto de notícias, mesmo aquelas que parecem altamente críticas ao país e às suas autoridades. Diferentemente do exemplo anterior, no entanto, nesse caso, o noticiário parece relativamente mais distante das queixas dos migrantes e recorre muito à linguagem “neutra” para não simpatizar com as questões que estes enfrentam (cf. Boff, 1981). Apesar de bastante democrático, o texto não parece levar a cabo a responsabilidade social da mídia de manter os agentes de poder sob escrutínio e fazer mais por aqueles que geralmente são desprivilegiados, como os migrantes negros.

MIGRANTES COMO VÍTIMAS INSATISFEITAS

Com frequência, os migrantes negros não são vistos como indivíduos que, insatisfeitos com suas condições, decidem lutar por seus direitos, como mostrado anteriormente. Em outros casos, são retratados como pessoas insatisfeitas que simplesmente reclamam de sua situação sem necessariamente fazer algo a respeito. Em alguns meios de comunicação, como a FSP, as insatisfações ou frustrações das vítimas ganham um espaço considerável. Em “Nova onda de imigração atrai para São Paulo latino-americanos e africanos” (23.1.2015, FSP), entre outros exemplos, as queixas dos migrantes sobre preconceito, discriminação, emprego, dificuldades econômicas e apoio governamental são pervasivas, mas não devidamente focalizadas. Se, por um lado, há espaço vital para os migrantes negros expressarem suas preocupações, por outro, há uma sensação de que eles podem estar agindo com ingratidão pelo que estão “recebendo”. Ambas as noções parecem ser possíveis simultaneamente em alguns textos de notícia. Além disso, os jornais podem usar essas oportunidades de “reclamação” dos migrantes para analisar problemas nacionais, como falta de melhor infraestrutura, coordenação e planejamento governamentais em multiníveis, provisão financeira, compromisso político, entre outros aspectos. Talvez, o foco não seja exatamente os próprios migrantes negros, mas o que pode ser aprendido, examinado e criticado sobre as práticas estatais/brasileiras em torno da sociedade/política e da economia do país.

Em “Chocada com preconceito no país, Miss África Brasil quer inspirar outras imigrantes” (29.9.2018, FSP), a reportagem parece usar uma longa lista de “queixas” sobre as relações raciais no Brasil como forma de convidar os leitores

a refletir mais sobre o que possivelmente há de errado com o cenário social do país. Esse exemplo, porém, é bastante raro, e não poderia vir de outros meios de notícias mais conservadores. O fato de a FSP e outros tentarem envolver questões raciais/sociais para se beneficiarem da economia de atenção da cultura *pop*, sem mencionar sua clara agenda expansionista, pode ajudar a entender por que alguns jornais transformam “meras” queixas em assuntos mais “relevantes”, convidando os leitores a “refletir” enquanto, na verdade, capitalizam/comodificam movimentos sociais legítimos.

Em outras ocasiões, as autoexpressões dos migrantes negros são utilizadas como meios para criticar o Estado e suas políticas. Em “Falta de estrutura marca jornada de haitianos entre São Paulo e Santiago” (5.8.2016, FSP), a mídia realiza um extenso trabalho na apresentação de uma série de problemas e negligências por parte dos governos do Brasil e do Chile. A aparente relutância do Chile em receber migrantes, sugere o texto, e as questões de longo prazo do Brasil com burocracia, atraso e mau uso de recursos públicos podem validar a insatisfação dos migrantes negros com ambas as nações.

MIGRANTES COMO VÍTIMAS “SONHADORAS”

Os migrantes negros também são vistos como “vítimas sonhadoras”, ou seja, como pessoas capazes de planejar ou ambicionar uma vida melhor, apesar das muitas aflições que experimentam. Textos como “Tenho sede do Brasil”, diz garoto haitiano” (4.10.2013, FSP), “Imigrantes veem Brasil como ‘terra da oportunidade’” (12.10.2014, FSP) e “Haitianos planejam viagem para SP em busca do ‘sonho brasileiro’” (22.2.2011, FSP) não apenas exploram os dilemas de ser um migrante negro no Brasil, mas também ressaltam como as duras realidades que esses atores vivenciam se contrastam com a fé em dias melhores. Nesse sentido, meios de comunicação parecem projetar o Brasil como um tipo de espaço da última oportunidade, longe do chamado “sonho americano”, mas ainda assim uma possibilidade de escapar de condições piores em outros lugares. Em uma dessas notícias, a FSP, por exemplo, rotula os planos e as expectativas das vítimas migrantes como o “sonho brasileiro” e em outro como “Eldorado verde-amarelo”.

Embora muitos discursos publicados de vítimas negras suscitem uma noção do Brasil como “porto seguro”, a FSP, entre outros, pondera tais discursos à medida que os contrasta com as experiências anteriores mais difíceis dos migrantes negros e com as restrições socioeconômicas/políticas brasileiras. Em suma, porém, os jornais parecem engenhosos em sua decisão de adotar tal abordagem, uma vez que a mensagem geral de positividade ajuda a promover seus artigos, aumentando sua circulação em ambientes digitais.

Por sua vez, o jornal regional ZEH se preocupa mais em mostrar não apenas que tipos de expectativas e esperanças os migrantes negros têm, mas também/principalmente como esses sonhos são destruídos na nação em desenvolvimento, muitas vezes em crise econômico-política ou em um ambiente sociocultural de rejeição/opressão. Essa realidade representada geraria muitas vítimas decepcionadas ou “insatisfeitas”, como notado em uma série de reportagens intitulada “Sonhos Despedaçados” (13.7.2015, ZEH).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme ilustrado em seções anteriores, representações sobre os migrantes negros são construídas em diversos tropos, que perfazem desde a ênfase nas experiências de dor, como “vítimas do destino/tragédia”, até o enfoque na agência e resistência, como “vítimas lutadoras”. Diferentemente de estudos anteriores (Vezovnik, 2015a, 2015b, 2017), que tendem a explorar aspectos sobretudo relacionados à colocação de sujeitos em posições de alvos, sobre os quais a simpatia, a piedade, a compaixão ou as visões condescendentes são construídas e exercitadas, neste trabalho tais representações foram tomadas ao lado de seus opostos, como a ideia de “vítimas capazes de lutar” e de “vítimas sonhadoras”. Desse modo, demonstra-se que a condescendência sobre os migrantes como vítimas não anula características discursivas aparentemente contraditórias.

Assim, no *corpus* jornalístico em questão os migrantes também são vistos como vítimas da política ou dos políticos. Nesse sentido, a política se expressa como um jogo em que os migrantes negros se tornam objetos/fracassos de agentes públicos. Contraditoriamente, nessa posição de vítima, os migrantes negros têm muito menos oportunidades de expressar suas opiniões ou de ser ouvidos atentamente.

A vitimidade também é constituída por retratos de migrantes negros como fardos para a economia do Estado. Eles também são tomados como elementos que, somados ao ambiente social já instável, acabariam revelando alguns dos desequilíbrios, crises e fragilidades da sociedade brasileira.

Apesar de tais impressões sobre os migrantes negros como perigo ou responsabilidade, os jornais abrem espaços para retratá-los como pessoas que precisariam imprescindivelmente de ajuda. A mídia impressa parece estar inclinada a exercer seu senso cultural de caridade e a (re)ler esta por meio de uma espécie de pós-humanitarismo em que a “justiça” equivaleria à piedade.

Aos migrantes negros começa ser oportunizada alguma agência quando os jornais decidem representá-los como pessoas que são capazes de sonhar com dias melhores, não obstante representações pervasivas desses enquanto vítimas. Com efeito, alguns textos insistem em pintar quadros positivos do próprio Brasil como uma terra onde os sonhos podem se tornar realidade, apesar de todos os seus muitos problemas.

Há ainda outro nível mais elevado de agência que é “dado” às vítimas migrantes em muitos textos desse *corpus*: a percepção de que as vítimas também podem lutar por seus direitos. Os discursos sobre os migrantes como indivíduos combatentes são frequentemente construídos em tom desinteressado ou relatados organicamente e utilizados como meios de exigir tomada de ações por agentes públicos.

Em contraste com essas percepções, há textos que percebem os migrantes como “vítimas de tragédia/destino”, ou seja, como alvos não intencionais de ocorrências aleatórias na ordem socioeconômica/natural. Negligenciando aspectos relevantes sobre raça, nacionalidade e dependência financeira, as publicações brasileiras decidem focar o drama e a dor sofrida por migrantes negros. Ao fazê-lo, deixam de fora fatores reais, agentes e razões que ajudariam a explicar a opressão vivida.

Além disso, em muitos casos, os jornais tendem a ignorar o fato de que ser negro e “estrangeiro” em um país xenorracista compele os afro-migrantes a um conjunto de experiências extremamente danosas. Tal posicionamento pode ser

parcialmente atribuído ao negacionismo do racismo/xenorracismo, tão persistente na sociedade brasileira.

Em um viés comparável, os veículos midiáticos brasileiros também apresentam migrantes negros como pessoas “insatisfeitas”. Suas queixas, nesse caso, tendem a ser tomadas como sinais de ingratidão ou descontentamento comum, suscetíveis de ser ignoradas.

Não obstante esses resultados, os jornais por vezes simpatizam com a vitimização dos migrantes, colocando-os lado a lado com outros negros brasileiros, que enfrentam processos semelhantes de marginalização nas periferias urbanas. Ao fazê-lo, embora nem sempre recorram a alguma forma de empatia, certos textos sugerem que a negritude e a pobreza podem congregam mais pessoas do que a nacionalidade, por exemplo.

VICTIMHOOD AS A SPACE FOR AMBIVALENCE: BLACK MIGRANTS IN THE BRAZILIAN PRESS

Abstract: This article investigates how black migrants are represented in Brazilian newspapers between 2008 and 2019 concerning race, nationality, and victimhood degrees (Chouliaraki, 2021). Critical discourse analysis and corpus linguistics are employed. Results indicate that representations of Afro-migrants are formulated through different tropes. Some portray black migrants as explicitly oppressed and passivized subjects. Others emphasize slightly more these migrants’ agency and resistance. Additionally, Brazilian media resorts to a cultural sense of charity, interpreting such charity through a particular type of post-humanitarianism, according to which pity and justice would be equipotent.

Keywords: Black immigrants. Representation. Media. Corpus linguistics. Critical discourse analysis.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, J. R. R. Avanços e contradições sociais e econômicos no Brasil. *Quórum Revista Iberoamericana*, v. 1, n. 18, p. 24-35, 2007.
- AMORES, J. J.; ARCILA, C. Deconstructing the synbolic visual frames of refugees and migrants in the main Western European media. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON TECHNOLOGICAL ECOSYSTEMS FOR ENHANCING MULTICULTURALITY, 7., 2019, León. *Proceedings [...]*. León: Association for Computing Machinery, 2019.
- AMORES, J. J.; CALDERÓN, C. A.; STANEK, M. Visual frames of migrants and refugees in the main Western European media. *Economics & Sociology*, v. 12, n. 3, p. 147-161, 2019.
- ANDRADE, V. Após boicote à Globo, Havan compra anúncio de R\$ 1,3 milhão no Fantástico. *Notícias da TV*, 18 maio 2021.
- BAKER, P. *Using corpora in discourse analysis*. London: Continuum, 2006.
- BLOMMAERT, J. *Discourse: a critical introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- BOFF, L. *O caminhar da igreja com os oprimidos: do vale de lágrimas à Terra Prometida*. Rio de Janeiro: Codecri, 1981.

- CAVALCANTE, S. Classe média e ameaça neofascista no Brasil de Bolsonaro. *Crítica Marxista*, v. 1, n. 50, p. 121-130, 2020.
- CHOULIARAKI, L. Victimhood: the affective politics of vulnerability. *European Journal of Cultural Studies*, v. 24, n. 1, p. 10-27, Feb. 2021.
- CLAASSEN, C. Explaining South African xenophobia. *Afrometer*, v. 1, n. 173, p. 1-25, 2017.
- COAN, E. I. Mídia odiosa, alienação política e estrutura autoritária da sociedade brasileira. In: COELHO, C. N. P.; PERSICHETTI, S. (ed.). *Política, mídia e espetáculo*. São Paulo: Editora Cásper Líbero, 2018. p. 141-170.
- COLLINS, J. Immigrants as victims of crime and criminal justice discourse in Australia. *International Review of Victimology*, v. 14, n. 1, p. 57-79, Jan. 2007.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 62. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- GODFREY, B. Setting the scene: a question of history. In: WALKLATE, S. (ed.). *Handbook of victims and victimology*. Oxon: Routledge, 2017. p. 13-29.
- HART, C.; WINTER, B. Gesture and legitimization in the anti-immigration discourse of Nigel Farage. *Discourse & Society*, v. 33, n. 1, p. 34-55, Jan. 2022.
- HOOKS, B. *Killing rage: ending racism*. New York: Henry Holt & Co, 1995.
- HUDSON-WEEMS, C. *Africana womanism: reclaiming ourselves*. New York: Bedford, 1993.
- KARENGA, M. *Kwanzaa: a celebration of family, community and culture*. Timbuktu: University of Sankore, 1998.
- KELLER, S. Um mapa da vida cultural no Rio Grande do Sul: análise do caderno Cultura, de Zero Hora. 2012. Tese (Mestrado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- LEE, B.; ROVER, R. *Night-vision: illuminating war & class on the neo-colonial terrain*. New York: Vagabond Press, 1993.
- LOPES, S. A. *Geografias dos grupos de mídia da Região Nordeste: o local e o regional nas TVs Sergipe e Atalaia*. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2019.
- MACHIN, D.; MAYR, A. *How to do critical discourse analysis: a multimodal introduction*. London: Sage, 2012.
- MIGNOLO, W. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- MILANI, T. M. (ed.). *Language and masculinities performances, intersections, dislocations*. London: Routledge, 2015.
- MILESI, R.; COURRY, P.; ROVERY, J. Migração venezuelana ao Brasil: discurso político e xenofobia no contexto atual. *Aedos*, v. 10, n. 22, p. 53-70, 2018.
- MOREIRA, J. B.; BORBA, J. H. O. M. de. Invertendo o enfoque das “crises migratórias” para as “migrações de crise”: uma revisão conceitual no campo das migrações. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 38, n. 1, p. 1-20, 2021.
- OLIVEIRA, T. R. Por que a terra de Moro e Dallagnol é tão conservadora e antipetista? *Carta Capital*, 17 jul. 2019.

PANDIR, M. Stereotyping, victimization and depoliticization in the representations of Syrian refugees. *Dokuz Eylül Üniversitesi Sosyal Bilimler Enstitüsü Dergisi*, v. 21, n. 2, p. 409-427, 2019.

SCALDAFERRO, M. C. S.; SÁ, I. N. G.; CRUZ, M. D. da. Mídia local e jornalismo político: um estudo de caso no interior do Espírito Santo. *Revista Ifes Ciência*, v. 3, n. 1, p. 105-120, 2017.

SCALZILLI, G. O “isentão” e a neutralidade ideológica. *O Jornal de Debates*, v. 1, n. 937, p. 1-2, 2017.

SIVANANDAN, A. Race, terror and civil society. *Race & Class*, v. 47, n. 3, p. 1-8, 2006.

SMETS, K. *et al.* Beyond victimhood: reflecting on migrant-victim representations with Afghan, Iraqi, and Syrian asylum seekers and refugees in Belgium. In: D’HAENENS, L.; JORIS, W.; HEINDERYCKX, F. (ed.). *Images of immigrants and refugees in Western Europe: media representations, public opinion, and refugees’ experiences*. Leuven: Leuven University Press, 2019. p. 177-198.

SOLENZOL, H. An epidemic of victimism: why has victim versus oppressor become the main political discourse? *Medium*, Sept. 2021.

SUNATA, U.; YILDIZ, E. Representation of Syrian refugees in the Turkish media. *Journal of Applied Journalism & Media Studies*, v. 7, n. 1, p. 129-151, Mar. 2018.

VAN GORP, B. Where is the frame?: victims and intruders in the Belgian press coverage of the asylum issue. *European Journal of Communication*, v. 20, n. 4, p. 484-507, Dec. 2005.

VERBICARO, D.; VERBICARO, L. P.; MACHADO, A. V. D. A sociedade juridificada e o desmoroamento simbólico do homem democrático: relações entre judiciário, mídia e opinião pública. *Revista Jurídica Unicuritiba*, v. 3, n. 52, p. 190-212, 2018.

VEZOVNIK, A. Balkan immigrant workers as Slovenian victimized heroes. *Slavic Review*, v. 74, n. 2, p. 244-264, 2015a.

VEZOVNIK, A. Ex-Yugoslavian immigrant workers in Slovenia: between Balkanization and victimization. *Dve Domovini-Two Homelands*, v. 41, n. 1, p. 11-22, 2015b.

VEZOVNIK, A. Otherness and victimhood in the tabloid press: the case of the “refugee crisis”. *Dve Domovini-Two Homelands*, v. 45, n. 1, p. 121-136, 2017.

ZEA, L. *Discurso desde a marginalização e a barbárie; seguido de A filosofia latino-americana como filosofia pura e simplesmente*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

ZHANG, C. Right-wing populism with Chinese characteristics? Identity, otherness and global imaginaries in debating world politics online. *European Journal of International Relations*, v. 26, n. 1, p. 88-115, 1º mar. 2020.